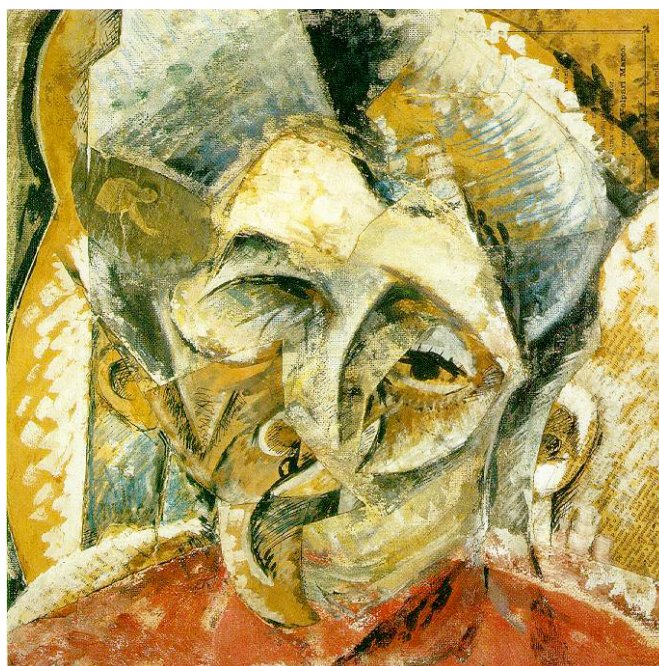


Pós-modernidade e processos demenciais¹



Maria Augusta Lós Reis

Resumo: A mudança ocorrida na estrutura populacional, associada ao aumento dos casos de demência, gerou uma nova problemática para a sociedade contemporânea. Compreender a síndrome responsável pelo declínio cognitivo e/ou comportamental de caráter crônico e geralmente progressivo, que causa restrições graduais nas atividades diárias dos indivíduos, tornou-se um desafio a ser enfrentado pela ciência. A partir do século XX, especialmente da década de 90, mais conhecida como a década do cérebro, os processos demenciais passaram a ser analisados de forma mais ampla, agregando conhecimentos multidisciplinares. Voltando nosso olhar para essa questão, pela ótica das ciências sociais, o que se coloca é a possibilidade de buscar entender a possível relação entre as demências e as características da sociedade pós-moderna. Os processos que nela se desenvolvem tornam-se mais complexos para os que enfrentam o desafio de envelhecer. No entanto, devemos ter em mente que o envelhecimento é um processo variável, que não se manifesta de forma unidirecional e, portanto, escutar nossos velhos pode ser uma experiência enriquecedora, sobretudo quando discorrem sobre sua inserção nessa nova realidade.

Palavras chave: Pós-modernidade, envelhecimento e processos demenciais.

¹ Publicado no site da Ger-Ações. Artigo atualizado para a presente publicação. http://geracoes.org.br/novo_site/uma-breve-reflexao-sobre-as-demencias-elvira-gotter-maria-augusta-los-reis/

Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados.
(Bauman, 2005, p.18)

As sociedades atuais se deparam com um paradoxo: hoje vivemos mais, o período de vida considerado velhice se ampliou, e o crescimento dessa parcela da população foi acompanhado pelo aumento da prevalência dos casos de demência, especialmente da doença de Alzheimer. Por um lado, as projeções populacionais baseadas no Censo de 2010 mostram que a população brasileira acima de 65 anos deve passar de 14,9 milhões (7,4% do total), em 2013, para 58,4 milhões (26,7% do total), em 2060. A expectativa média de vida do brasileiro deve aumentar dos atuais 75 anos para 81 anos. No entanto, o que parece uma vantagem pode vir acompanhado de medo e incerteza.

No Brasil, apesar da importância do estudo da incidência de demências, ainda não existe um conjunto de informações consistentes que apontem resultados. Algumas pesquisas apresentam conclusões que indicam que a prevalência de demência moderada a grave, em diferentes grupos populacionais, pode atingir 5% das pessoas acima de 65 anos e 20 a 40% das pessoas acima de 85 anos. Esses estudos relacionam, de maneira especial, envelhecimento, carga genética e processo demencial.



Ampliando nosso olhar sobre essa problemática notamos que existem outros fatores a serem considerados, entre eles, a sociedade e o tipo de vida que levamos. Será que existe relação entre esses aspectos e a demência?

A demência é considerada uma síndrome, ou seja, um conjunto de sinais e sintomas que admite várias causas. Dessa forma são reconhecidas mais de setenta formas de demência. Ela é compreendida como declínio cognitivo e/ou comportamental de caráter crônico e geralmente progressivo, que causa restrições graduais nas atividades diárias dos indivíduos.

No século XX, a partir da década de 90, o estudo das demências passou a agregar conhecimentos da neurologia, psiquiatria, geriatria, psicologia, patologia, genética, diagnóstico por imagem, psicofarmacologia e biologia molecular. Dessa forma, pesquisas realizadas por diferentes disciplinas puderam contribuir para o conhecimento das causas, dos mecanismos de ação

e do tratamento dessa síndrome - novos olhares, um trabalhando com hipóteses variadas.

O grande desafio, sobretudo para a área das ciências humanas, é o de buscar entender a complexa relação entre condições sociais e o avanço dos casos de demência.

Indivíduo e cultura

De uma certa maneira, a cultura acalma as interrogações tão humanas sobre a origem e o destino do homem e solidifica a identidade.
(Goldfarb, 2004, p.153)

Em seu livro *Demências* (2004), Goldfarb tece comentários sobre o pensamento de Piera Aulagnier no que se refere à constituição do eu, e nos informa que *os pais são o primeiro sustentáculo para a criança* (2004, p. 152) na medida em que seres humanos nascem dependentes do meio para sobreviver. Mas acentua que a criança só poderá se tornar independente se encontrar sustentáculo para a sua identidade na cultura. Segundo Goldfarb (2004, p. 153) “assim como há um discurso parental que a antecede, há um discurso social que investirá o lugar que ocupará nessa sociedade”.

Nesse complexo processo de constituição de identidade, cabe às novas gerações assumirem o discurso social e garantir o futuro das instituições. Mas é muito importante que, nesse movimento, o indivíduo encontre *referências identificatórias mínimas* (ibid, p. 153) que possibilitem projeções de futuro.

De acordo com esse raciocínio, para que o eu se constitua são necessárias várias condições, sobretudo pontos de coincidência entre o eu, o discurso social e a realidade, permitindo uma montagem, ou seja, um modelo. No entanto, esses modelos, embora respeitem a singularidade dos indivíduos, não podem se afastar totalmente das normas que regem a cultura. Assim, serão variáveis, mas de acordo com o paradigma predominante em cada sociedade. É importante notar que:

Sobre esse modelo de realidade proposto pelo discurso social é que vai se constituir o modelo identificatório. [...] Assim, quando o modelo identificatório cai, o modelo de realidade vai junto, e perdem-se os padrões de verificação. Se o futuro for desinvestido – como observamos em certos momentos de crise na vida política da humanidade – a certeza da origem também se verá fragilizada. Isto sem dúvida produzirá efeitos na subjetividade e novas formas de organização que poderíamos definir como patológicas. (Goldfarb, 2004, p. 163)

Evidentemente, ninguém está livre de problemas, perdas e desilusões e, por que não dizer, envelhecimento. Nessa fase da vida, frente à finitude e proximidade da morte, o que fazer? Segundo Goldfarb (2004), o sujeito poderá buscar *formas elaborativas ou regressivas de dirimir esse inevitável confronto* (ibid, p.185). Onde encontrar apoio frente às vicissitudes da vida quando não construímos a ancoragem simbólica necessária, e o meio em que vivemos se encontra desorganizado? Será que mergulhar no esquecimento pode ser uma saída?

Buscamos na literatura sociológica subsídios para entender a complexa relação entre meio social e comportamento humano. Apoiamo-nos na análise de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês radicado na Inglaterra, que discute as características da sociedade contemporânea, a modernidade líquida e seus efeitos sobre os indivíduos. Para ele, vivemos tempos de transição, não menos profundos do que ocorreu com o nascimento da sociedade moderna.

A pós-modernidade

Segundo Santos (2008), pós-modernidade é o

[...] nome aplicado às mudanças nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo. Nasce com a arquitetura e computação dos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. (2000, p.8)

Esta nova sociedade, criada pelo capitalismo globalizado, se volta para o consumo e para estimulá-lo utiliza a sedução e uma moral hedonista, assim somos bombardeados continuamente por informações superficiais e oportunidades de diversão e serviços com objetivos consumistas.

Sem que percebamos, acabamos aceitando o efêmero, o fragmentário e descontínuo e o caráter imediato dos eventos. Os meios de comunicação de massa trazem para nossa vida o sensacionalismo e o espetáculo, seja ele político, científico ou militar. Entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou melhor, de simulação: eles refazem o mundo e o transformam num espetáculo. O que importa mesmo é produzir mais e mais rápido para acelerar a aquisição de bens e o crescimento dos capitais.

Os efeitos dessa realidade atingem a psicologia humana, ocasionando uma ruptura da ordem temporal: perde-se profundidade e a possibilidade de manter valores, crenças e, até mesmo, descrenças, situação que também atinge o sentido de continuidade e nossa memória histórica.

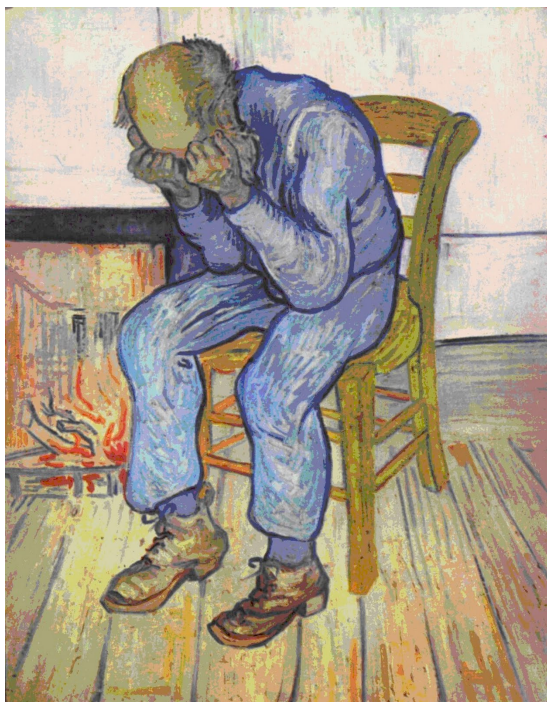
Vivemos na sociedade do descarte onde nosso gosto é manipulado pela moda e nosso consumo se volta para os serviços. O homem pós-moderno cria e vende imagens, aspecto percebido na política, nos meios de comunicação, e

no ambiente de trabalho. Na verdade, vivemos numa época de “quebra de consenso” e de diversificação de valores.

Burke (2003), citando Bauman, denomina essa sociedade como “líquida”, na qual as relações são fluidas, instáveis, com efeitos sobre a identidade dos que nela vivem.

Identidade

Surgem aqui algumas indagações: Como a modernidade líquida se relaciona com a identidade? Qual a relação entre identidade e demência? Como esses fatores nos atingem quando envelhecemos?



Os processos demenciais, progressivos e sem possibilidade de cura, ao causarem déficits no funcionamento ocupacional e social da pessoa significam uma morte em vida, um desligamento da realidade e um triste histórico de dependência. É a desestruturação de um processo identitário construído ao longo da vida que atinge não apenas a pessoa, mas também aqueles que a cercam.

Segundo Bauman (2008), a rapidez das transformações, na passagem da modernidade para a modernidade líquida, tornou tudo muito incerto e mutável. Não há segurança na reta de chegada, é sempre necessário aprender a mudar de rumo. Como escolher sua identidade se não há garantias que ela subsista às mudanças do mercado ou possa deixar de ser atrativa?

Como obter garantias na modernidade líquida quando nossa insegurança está relacionada a suspeita de que nossas conquistas sejam destruídas? Na velhice, aposentadorias destroem o poder econômico, perdas físicas atingem a produtividade, relacionamentos são desfeitos, amigos morrem - mudanças rápidas difíceis de acompanhar. Além disso, a estrutura familiar não mais oferece o apoio de outrora e o velho passa a conviver com a solidão. Afirma Bauman (2008, p. 189) que:

[...] a fragilidade de todos os pontos de referência concebíveis e a incerteza endêmica a respeito do futuro afeta profundamente aqueles que já foram atingidos e todo o restante de nós que não podem estar seguros de que golpes futuros nos atingirão.

Em síntese, boa parte dos problemas contemporâneos que nos fazem sofrer tem origem social, mas eles são enfrentados individualmente, fazendo com que

as pessoas, de maneira especial os velhos, sintam que não têm controle sobre seu presente, o que os impede de olhar em direção ao futuro. Temos como pano de fundo uma economia que se globalizou e uma política que gerencia o Estado, mas que não atua de forma efetiva frente aos novos obstáculos.

No caso dos velhos, frente a esse futuro incerto, como mudar de valores nessa fase da vida? Como buscar um recomeço? Como responder a esses novos desafios? Como ficam os pontos de certeza para que o indivíduo se reconheça, assim como suas possibilidades de continuidade e seu próprio processo histórico? Parece que o que permeia o universo do idoso é uma grande sensação de inadequação.

Segundo o sociólogo polonês, nosso passado não pode oferecer fundamentos seguros para uma perspectiva de vida, o presente está fora de controle e o futuro é incerto. Na sociedade líquida, laços e parcerias são vistos como algo a ser consumido e não produzido.

Portanto, voltando à tese apresentada por Goldfarb (2004), onde está o sustentáculo que o meio social deveria oferecer ao indivíduo? Como evitar o estresse gerado por essas novas condições? Como não desenvolver um processo depressivo que possa vir a ser um “passaporte” para processos demenciais? Defrontam-nos com muitas questões e o que temos ainda são respostas insuficientes.

No entanto, apesar de todos esses obstáculos, encontramos nessa sociedade pós-moderna várias pessoas que souberam enfrentar os desafios por ela propostos. Finalizamos lembrando uma delas.

Envelhecimento e memória

Em 2011, ao completar 80 anos, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso deu um depoimento a Miguel Darcy de Oliveira e dele nasceu o livro *A soma e o resto: um olhar sobre a vida aos 80 anos*. Nesse texto se mesclam reflexões de caráter pessoal e interpretações sociológicas do mundo contemporâneo. Consideramos oportuno registrar alguns trechos desse texto, na medida em que são valiosos para entendermos como um intelectual que envelhece analisa a sociedade que se transforma e os novos desafios criados, assim como perspectivas para o futuro. Afirma que “saímos de uma situação estática, marcada pelo risco, para uma situação de mudança constante, marcada pela incerteza” (2011, p. 104).

Talvez seja essa incerteza o traço mais marcante para aqueles que estão envelhecendo na sociedade pós-moderna, situação ainda mais dramática em países pobres, oscilando em meio a crises sociais, políticas e econômicas. Abordando a instabilidade do mundo contemporâneo, Cardoso (2011, p. 105) afirma:

Esse é um mundo em que a integração econômica avançou muitíssimo sem se fazer acompanhar por uma integração política que garantisse, perante mudanças tão



rápidas, instrumentos de governabilidade capazes de controlar excessos e assegurar um mínimo de estabilidade. Esses instrumentos simplesmente não existem.

Como tão bem assinalou o ex-presidente, recoloca-se no mundo atual a dialética entre o particular e o universal. No entanto, gostaríamos de voltar o foco para a dialética existente entre o individual e o social: como o velho se orienta nessa sociedade marcada pelo aumento da insegurança, da competição e da solidão? E como ele pode lidar com o decréscimo no nível de “conexão social”, ou seja, com laços afetivos que passaram a ser menos estáveis e previsíveis? Sem dúvida, a qualidade de vida é atingida, gerando consequências para a saúde física e mental do idoso.



Qual a saída para esse impasse? Torna-se urgente a discussão e a tomada de decisões dos diversos setores de nossa sociedade, e que se debrucem sobre a questão do envelhecimento, processo que em nosso país está ocorrendo mais rapidamente do que nas demais partes do mundo.

Ao lançar um olhar sobre a própria vida aos 80 anos, Cardoso assinala perdas significativas de familiares e amigos, mas não deixa de se referir a novos projetos. Ao ser perguntado sobre como gostaria de ser lembrado, ele menciona sua postura como governante, democrata, que colaborou para a criação de um futuro melhor para o Brasil. E sinaliza, nesse contexto de mudanças, a força e importância da memória:

No fundo estamos condenados ao mistério. As pessoas dizem, eu gostaria de sobreviver além da minha materialidade [...] Eu não acredito que vá sobreviver, mas, pelo menos na memória dos outros, você sobrevive. (Cardoso, 2011, p.177)

Referências

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. *Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BURKE, M.L.G.P. A sociedade líquida de Zygmunt Bauman. *Folha de São Paulo, Caderno Mais!* São Paulo, p.4. 19 de outubro de 2003

CARDOSO, F.H. *A soma e o resto: um olhar sobre a vida aos 80 anos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GOLDFARB, D. *Demências*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SANTOS, J.F. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Data de recebimento: 20/01/2016; Data de aceite: 20/01/2016.

Maria Augusta Lós Reis – Graduada em Ciências Sociais e Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia. Pesquisadora do Grupo de Estudos da Memória (GEM) – PUC/SP. Atualmente leciona em UNATIs (Universidades Abertas para a Terceira Idade) e realiza trabalho voluntário numa instituição asilar. E-mail: augustalos@uol.com.br